

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO-PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE
GÊNERO**

**“É ISSO AÍ, UMA MISTURA DOS DOIS!”
A percepção das travestis sobre o seu corpo**

**MAGNOR IDO MÜLLER
ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. GUACIRA LOPES LOURO**

**PORTO ALEGRE
2009**

Agradecimentos

Agradeço ao meu companheiro Gilson por dividir sua vida comigo e contribuir, sem medir esforços, para que eu seja uma pessoa melhor;

Agradeço a minha orientadora Prof^ª. Dr^ª. Guacira Lopes Louro, pela colaboração, amizade, comprometimento e afeto, tornando prazerosa a realização deste trabalho além de colaborar para que eu modificasse meu olhar sobre as pluralidades;

Aos Professores Doutores, Fernando Seffner; Rosângela Soares; Jane Felipe, Luis Henrique Sacchi Santos, Silvana Vilodre Goellner, Dagmar Stermann Meyer, que contribuíram para eu modificar meu olhar sobre a diversidade;

Aos Doutores Daniela Riva Knauth, Andréa Fachel Leal e Roger dos Santos Rosa, que mesmo distantes, sempre estiveram comigo, em pensamento, durante minhas reflexões;

À Carmen Esther Rieth pelo seu carinho e que semeou um novo horizonte na minha vontade de saber;

À Ana Carolina e Leandro, Débora e Rodrigo, Jaqueline e Sheila que se tornaram parte da minha vida durante e depois da conclusão do curso de especialização;

À Igualdade e às travestis participantes do estudo que se expuseram permitindo que suas experiências fossem divididas, contribuindo, desta forma, para aprimorar a minha maneira de entender a pluralidade.

Você pode até dizer
Que eu tô por fora
Ou então
Que eu tô inventando...
Mas é você
Que ama o passado
E que não vê
É você
Que ama o passado
E que não vê
Que o novo sempre vem...
[...]
Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo, tudo,
Tudo o que fizemos
Nós ainda somos
Os mesmos e vivemos
Ainda somos
Os mesmos e vivemos
Ainda somos
Os mesmos e vivemos
Como os nossos pais...
(Como Nossos Pais-Belchior)

Resumo

Este estudo foi realizado a partir de encontros semanais promovidos pela Associação de Travestis e Transgêneros do Rio Grande do Sul- Igualdade a fim de se compreender de que forma elas vivem sua ambigüidade corporal no trabalho, nos espaços públicos e no seu dia-a-dia. Realizou-se uma pesquisa qualitativa com três travestis que freqüentam os encontros organizados pelo grupo Igualdade, em Porto Alegre. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas a fim de serem analisadas. Foram consideradas as seguintes categorias nesta análise: “**Corpo**”; “**Mais do Mesmo**” e “**Comportamento**”. A partir das observações e análise dos depoimentos se percebeu que é necessário problematizar nos espaços institucionais, particularmente na escola, a heteronormatividade e seus efeitos sobre a pluralidade de sujeitos de gênero

Unitermos:

Travesti; Norma; Heterossexualidade; Corpo; Gênero; Ambigüidade

INDICE

1. Introdução	6
1.1 Definição do Problema	1
1.2 Justificativa	1
1.3 Objetivos	13
2 Metodologia	14
2.1 Universo do estudo	15
2.2 Cuidados éticos	16
3. Desenvolvimento do Conteúdo	17
3.1 Macho Dominante No Comando	17
3.2 A Fronteira Entre Os Gêneros	20
3.3. Apresentação e Discussão dos Resultados	24
3.3.1 Corpo	24
3.3.2 Mais do Mesmo	25
3.3.3 Comportamento	27
4. Considerações Finais	30
Obras Consultadas	32
Apêndices	34
Apêndice A (Instrumento de Pesquisa)	35
Apêndice B (Termo de Consentimento)	36

1. Introdução

São dez horas e Paula se levanta, apesar de ter dormido apenas 4 horas, para fazer o almoço para Jorge, seu marido. À vontade, com uma calça solta, uma camiseta, chinelos, faz um rabo de cavalo, lava o rosto, escova seus dentes, talvez não exatamente nesta ordem, pois gostava de driblar a rotina, ela começa seus afazeres. Sua preocupação é com o relógio e com o que servir ao marido no almoço. Afinal, Jorge chega faminto, não pode se atrasar para o serviço e ela gosta de ouvir os elogios sobre seus talentos culinários.

O feijão, de molho n'água desde o dia anterior, é escorrido e vai para a panela de pressão. Alho, pedaços de toucinho, uma folha de louro e sal dão o toque final ao sabor. Arroz, batatas cozidas e carne assada completam o cardápio que será oferecido ao marido.

Jorge chega, ela o recebe com sorriso, o beija e lhe oferece um gole da sua caipirinha. Ela sempre bebe um drinque durante a preparação das refeições. Jorge conta as novidades do seu trabalho, a construção de um shopping center novo, perto do aeroporto da cidade. Naquele dia um colega se acidentara e fora levado ao hospital muito mal.

Ela o escuta e pensa que sua felicidade é quase completa, não fosse pelo trabalho, pois ela ainda é profissional do sexo e tem de batalhar durante a noite.

Jorge não entende muito bem porque sua mulher não larga a profissão, mas, no fundo, ele sabe que seus ganhos não sustentariam os dois, principalmente agora que estão pensando em cuidar de uma criança, em terem um filho.

Paula o serve, papel de mulher, segundo ela. Jorge come, elogia o tempero de Paula, que para ele, chega a ser melhor que o de sua mãe, uma italiana que conhece a nora apenas por telefone. Após a refeição, Jorge tira uma cesta, Paula se encarrega de tirar a mesa, lavar a louça e deixar tudo arrumado porque o marido não gosta de coisas fora do lugar. “É coisa de mulher preguiçosa!”, diz ele.

Jorge retorna à construção, Paula vai estender as roupas, passar as que foram lavadas no dia anterior, varrer a casa e o pátio e, é claro, se preocupa com o jantar do marido.

Depois de comprar leite e pão, no armazém da esquina, e certificar-se que Jorge não precisará procurar nem fazer nada, ela inicia a sua rotina, são quase 18:00: escolher a roupa que vai usar para trabalhar, fazer sua maquiagem, que leva muito tempo até ela atingir seu objetivo; a perfeição, enfim, ela se monta.

Sai de casa com roupa de uma mulher normal, comum, toma sua condução e chega próximo a rua onde trabalha. À sombra de uma árvore, se despe, e veste sua profissional, pois ela sempre diz que “a profissional está na sua bolsa!”.

A noite parece estar boa, são 2 horas e ela já fez três programas, o que lhe rendeu R\$ 60,00.

Mais um carro se aproxima e com ele a esperança de mais dinheiro para poder contribuir com o pagamento do aluguel. São dois jovens que querem fazer um programa a três. Ela dá o valor cobrado por uma hora, eles concordam, ela entra no carro.

A levam até um local ermo, transam, gozam e depois, movidos pela homofobia, roubam seu dinheiro, a agridem física e verbalmente e depois, entram no carro, às gargalhadas a deixando abandonada, no escuro e sem saber muito bem onde está.

E ela pensa: “será que o Jorge lembrou de fechar o gás?”

A homofobia é uma constante nas zonas de prostituição de travestis. Elas são constantemente vítimas das agressões provenientes dos atos homofóbicos e os já incorporaram, de certa forma, que nem sempre dão queixa na polícia. Atravessadas, como todos nós, por vários discursos, dentre eles o da heteronormatividade, elas até pensam que é normal, por exemplo, mulher apanhar de homem.

Paula, a travesti da situação acima descrita, vive no seu dia-a-dia as agruras, prazeres, desafios e violência comuns ao grupo das travestis profissionais do sexo. Semelhante conjuntura é vivida por outras travestis, contudo elas se esforçam para serem compreendidas, pela sociedade, como cidadãs de direito e lutam para terem sua cidadania reconhecida.

Nesta monografia de conclusão de curso buscou-se compreender de que forma elas vivem sua ambigüidade corporal. Durante as entrevistas, as conversas sempre mencionaram o seu desejo de serem mulheres normais e o quanto o modelo feminino hegemônico é a referência para a construção dos seus corpos, suas atitudes nos locais públicos e onde moram, e seus comportamentos diante a sociedade.

Esconder o corpo, à maneira de uma mulher recatada, é uma das estratégias utilizadas durante suas permanências nos espaços públicos assim com o inverso, sua exposição, é utilizada durante o trabalho, quando elas são profissionais do sexo.

Almejo que esta breve incursão no dia-a-dia das travestis possa contribuir, de algum modo, para minimizar a homofobia, problematizar a possibilidade de uma pluralidade de gêneros e sugerir a desconstrução das formas de poder que exercemos sobre aquelas(es) que têm coragem de borrar e cruzar as fronteiras do binômio feminino/masculino.

1.1 Definição do Problema

A decisão de cursar a especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero surgiu a partir da necessidade de preencher uma lacuna formada durante a graduação em enfermagem. Nela observei que o corpo docente tem uma grande preocupação com a questão técnica. Foram poucos os momentos em que eles se preocuparam em formar profissionais que percebessem que o paciente não é “apenas” um corpo, mas é constituído de uma série de limitações, desejos, medos, experiências, crenças, enfim; que tem uma história de vida única e singular. Presenciei situações bastante constrangedoras, durante meus períodos de estágio, exatamente por não termos sequer a mínima noção de gênero e identidades sexuais. Entender as diversidades e principalmente relativizar o olhar sobre determinada situação me fez compreender que, de forma geral, na graduação os cursos não preparam os futuros profissionais para lidar com as diversidades.

Foi pensando nisso que decidi pesquisar as travestis. Durante o curso de enfermagem fui capacitado tecnicamente para procedimentos, mas não para lidar, por exemplo, com a ambigüidade que é o corpo de uma travesti. Partindo desta premissa e tendo contato com profissionais de outras áreas, professores e diretores de escola, e com as próprias travestis, percebi que é necessário estar atento às questões de gênero e que elas atravessam nosso dia-a-dia, mesmo que não nos demos conta disto.

Nosso desejo de uma sociedade mais justa implicaria que todas as pessoas fossem tratadas de forma semelhante. Mas como poderemos deixar de ver o “outro”, o que atravessa as fronteiras dos gêneros, como “igual” se não discutirmos, problematizarmos, refletirmos sobre a diversidade de gênero e as identidades sexuais durante nossa formação acadêmica, nosso cotidiano, nas políticas públicas, nos artefatos culturais, etc.?

Ainda hoje, a homossexualidade, quando discutida em sala de aula, ainda é explicada sob uma visão biológica. Conforme Benedetti (2005, p.24):

Atualmente, as principais explicações biológicas para a “origem” da homossexualidade concentram-se em três diferentes argumentos: o primeiro aponta uma causa nos níveis e distúrbios hormonais; o segundo sinaliza para estruturas cerebrais diferenciadas; e o terceiro encontra em um gene ou grupo de genes a origem desses comportamentos, conforme Montes, Caldini & Caldini Jr. (1997).

Junior (1999, p.27) reforça Benedetti:

As teorias essencialistas, pela sua ênfase nos aspectos individuais, foram e são utilizadas, nos dias de hoje, principalmente pela biologia, pelos saberes psicológicos (psicologia, psiquiatria e algumas correntes da psicanálise), muitas vezes ainda considerando a homossexualidade um desvio, uma doença, um “problema”, reforçando juízos negativos que estão historicamente entranhados na cultura.

Estas interpretações da homossexualidade não levam em consideração as dimensões culturais e simbólicas que estão presentes na vida dos homossexuais. Sendo assim, sendo enfermeiro, e tendo apenas recebido orientação sob uma perspectiva biológica, encontrei dificuldades para compreender as travestis e o seu desejo em transformarem o seu corpo. Maurice Godelier (apud Scott, 1995, p.89) afirma que: “[...] não é a sexualidade que assombra a sociedade, mas antes a sociedade que assombra a sexualidade do corpo”. Godelier descreve o quanto a sociedade pode apresentar dificuldades para lidar com uma sexualidade diferente daquela que ela estipula como “correta”. E desta forma se evidencia a necessidade de reflexão e discussão a respeito das diversidades sexuais.

Dentre este entendimento das diversidades sexuais, entra a questão de gênero que Benedetti (2005, p.19) destaca:

É relevante esclarecer os motivos que me levam a empregar o substantivo *travesti* como pertencente ao gênero gramatical feminino. Além das razões que valorizam o próprio processo de construção do gênero feminino no corpo e nas subjetividades das travestis, e que levam em conta a utilização êmica desse termo, usualmente empregado na flexão feminina, há uma justificativa política. O respeito e a garantia à sua construção feminina estão entre as principais reivindicações do movimento organizado das travestis e transexuais.

O autor propõe claramente o respeito à construção feminina que as travestis e transexuais se dedicam. Frente a todas estas nuances que envolvem as relações sociais e, em particular as travestis, este estudo se dedica a conhecer a forma que elas vivem sua ambigüidade no seu cotidiano e na sua intimidade.

Este estudo pretende contribuir no sentido de indicar maneiras de melhorar as relações entre grupos de diferentes identidades sexuais e levar ao público, através de publicação, os resultados encontrados.

1.2 Justificativa

As identidades sexuais, a raça e a etnia aparecem ainda como os principais elementos de discriminação dos indivíduos na sociedade brasileira. As pesquisas, poucas se comparadas com as de outras áreas do conhecimento, existentes sobre o tema indicam que as situações de discriminação, violência física e verbal entre os homossexuais, travestis, transexuais, lésbicas e bissexuais são bastante importantes. Os dados de pesquisas realizadas nas Paradas Gays do Rio de Janeiro e de Porto Alegre confirmam os altos índices de preconceito neste grupo social, como afirma Carrara (2004, p.74):

Uma primeira constatação surpreendente foi a confirmação de que um número muito alto de entrevistados, e muito próximo ao resultado anterior, já havia sido vítima de algum tipo das sete modalidades de discriminação: 64,8%. [...] Também com os dados sobre agressões, verificamos uma surpreendente reiteração dos resultados do ano anterior. [...] Contabilizamos todos aqueles que alguma vez sofreram pelo menos alguma das agressões, verificamos que 61,5% dos entrevistados foram vítimas de violências motivadas pela orientação sexual.

O autor ainda descreve o quanto as travestis são discriminadas nas seleções para emprego e no próprio ambiente de trabalho, assim como nos serviços de saúde: “[...] a incidência desproporcionalmente alta de travestis e transexuais discriminados no ambiente de trabalho e emprego (35,3%) e nos serviços de saúde (25%)” (p.83). Estes dados explicitam o preconceito e a discriminação a qual o grupo está exposto.

Os dados da pesquisa realizada na Parada Livre de Porto Alegre de 2005 confirmam esta realidade, visto que 63,7% dos informantes declararam ter sido vítimas de alguma forma de violência. Ou seja, as agressões causadas pela homofobia fazem parte do cotidiano deste grupo. Contudo os tipos de violência aparecem de forma diferenciada quando considerada as diferentes identidades sexuais: se 60,2% dos entrevistados relatou ter sido vítima de xingamentos, humilhações verbais ou ameaças, as experiências de agressão física são mais importantes entre os informantes transexuais e homossexuais masculinos, 31,3% e 18,2% respectivamente, ao passo que apenas 10,5% dos bissexuais e 10,7% das homossexuais femininas compartilham desta experiência. (KNAUTH et al, 2005).

Muitas destas situações de violência deixam marcas nos corpos das travestis. Conforme Benedetti (2005) é comum elas apresentarem sobre o corpo cicatrizes que memorizam as agressões por elas sofridas.

Estes dados de violência evidenciam a situação de vulnerabilidade das travestis. Além da questão da identidade sexual, outro aspecto de vulnerabilidade do grupo é seu trabalho como profissionais do sexo. Diariamente elas se expõem aos riscos de transmissão de doenças sexualmente transmissíveis como, por exemplo, o HIV e a situações de agressões físicas e verbais.

É importante reconhecer que as travestis apresentam vários fatores para que sua vulnerabilidade seja ainda maior. A classe social a que geralmente pertencem, a baixa escolaridade, etc., somado a cultura de homofobia, são fatores que fazem com que elas sejam mais excluídas do que outros cidadãos.

Os serviços públicos, a escola, enfim, os espaços sociais, deveriam ser locais de acolhida deste grupo, buscando diminuir sua vulnerabilidade. Entretanto, estas instituições não têm cumprido este papel, tornando-se, muitas vezes, mais um espaço de discriminação.

Neste sentido, através dos relatos das próprias travestis no que tange como elas percebem a sua ambigüidade poderão dar elementos para reflexões sobre a necessidade de problematizar as questões que envolvam gênero, sexualidade e relações de poder nos diversos espaços sociais.

1.3 Objetivos

O presente estudo tem por objetivo geral conhecer a percepção das travestis sobre a sua ambigüidade e de que forma elas lidam com a mesma no seu dia-a-dia e nos diversos espaços sociais.

Constituem objetivos específicos do estudo:

Conhecer como elas percebem a si mesmas em termos de suas identidades de gênero e sexuais

Identificar se elas atribuem, ou não, caráter de ambigüidade a seus corpos ou à sua existência como sujeitos de gênero/sexualidade

Verificar como as travestis lidam com sua ambigüidade nos espaços sociais

Conhecer como as travestis lidam com sua ambigüidade na sua intimidade.

2 Metodologia

As travestis que irão participar da pesquisa o farão de forma voluntária a partir da exposição do objetivo que desejo alcançar. Esta explanação será feita na Igualdade (Associação de Travestis e Transgêneros do Rio Grande do Sul) que, semanalmente, à tarde, se reúne na sala de número 10 do Mercado Público de Porto Alegre, nas quartas-feiras. Estas reuniões ocorrem para discutir direitos civis e cidadania, distribuir preservativos e lubrificantes e também para a realização de oficinas que abordem temas como, medicação para HIV/AIDS, DSTs em geral, e outros assuntos de interesse comum das travestis.

A pesquisa teve caráter qualitativo, porque, segundo VÍctora (2000, p.37):

[...] os métodos qualitativos de pesquisa não têm qualquer utilidade na mensuração de fenômenos em grandes grupos, sendo basicamente úteis para quem busca entender o contexto onde algum fenômeno ocorre. Assim sendo, eles permitem a observação de vários elementos simultaneamente em um pequeno grupo. Essa abordagem é capaz de propiciar um conhecimento aprofundado de um evento, possibilitando a explicação de comportamentos.

Este tipo de análise vem ao encontro dos objetivos desta pesquisa. Gressler (2003, p.97) complementa as explicações de VÍctora: “A pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa. A interpretação dos resultados desponta como a totalidade de uma especulação que tem como base a descrição de um fenômeno em um contexto”.

Dentro da pesquisa qualitativa, foram feitas entrevistas semi-estruturadas e observações participantes porque entendo que elas facilitam a obtenção dos elementos para discussão. Ainda conforme Gressler (2003, p. 165), a entrevista semi-estruturada é: “[...] construída em torno de um corpo de questões do qual o entrevistador parte para uma exploração em profundidade”. Desta forma, as entrevistas possibilitaram conhecer a maneira pela qual as travestis experimentam a ambigüidade antes descrita.

Devido ao curto tempo disponível para a realização das entrevistas foram entrevistadas 3 voluntárias. Houve limite mínimo de idade, ou seja, não participaram da pesquisa travestis menores de idade. As entrevistas foram realizadas no mês de maio de 2009. As entrevistas foram agendadas nas reuniões da Igualdade e por contato telefônico. Antes da entrevista propriamente dita, li, em conjunto, o termo de consentimento informado e esclareci as dúvidas das participantes. Elas foram gravadas e transcritas a fim de facilitar a análise de conteúdo.

2.1 Universo do estudo

Tendo em vista que o presente estudo objetivou investigar em profundidade um grupo social específico, busquei um local onde fosse possível encontrar as participantes deste grupo. Encontrei este local na Associação de Travestis e Transexuais do Rio Grande do Sul-Igualdade que surgiu em 1999 com o objetivo principal de integrar e promover a cidadania das travestis e transexuais. “Tendo ‘como objetivo principal:’ transformar a mentalidade das pessoas para que aceitem a nossa identidade de gênero ela pretende transformar o olhar da sociedade para que possamos viver num mundo de oportunidades iguais para todos e com verdadeiro respeito aos direitos humanos.” (site acessado dia 05/02/09 às 10:45).

Semanalmente as travestis e transexuais se encontram na sala 10, no Mercado Público de Porto Alegre, para discutirem questões ligadas à cidadania, redução de risco, uso de hormônios femininos, medicamentos para HIV/AIDS, prevenção de HIV e assuntos gerais de interesse do grupo.

A partir de observações e de conversas informais com as participantes das reuniões foi possível compreender aspectos importantes para a construção da identidade travesti e notar que elas são estigmatizadas e excluídas dos espaços sociais e das instituições como a escola, e os serviços públicos.

Destes encontros 3 participantes se ofereceram voluntariamente para a realização das entrevistas. Não houve dificuldade para a adesão ao trabalho, embora muitas não vejam sentido neste tipo de pesquisa; uma vez que informaram que normalmente não recebem retorno, ou seja, os resultados finais dos trabalhos não são fornecidos, e acreditam que estas investigações não modificam em nada o objetivo proposto. O limite mínimo de idade para as

participantes foi de 18 anos. As entrevistas se realizaram em frente ao local das reuniões, em um bar, no Mercado Público, no centro de Porto Alegre.

As entrevistadas possuíam 20, 24 e 46 anos de idade e suas escolaridades variaram do ensino fundamental completo ao ensino médio completo.

2.2 Cuidados éticos

Antes das entrevistas, li, em conjunto, o termo de consentimento informado (anexo A), em voz alta, momento em que esclareci as dúvidas e explicitiei a confidência das informações. O mesmo é composto de duas vias, após assinado, uma delas ficou de posse da participante e a outra do pesquisador.

3. Desenvolvimento do Conteúdo

3.1 Macho Dominante No Comando

Estamos no ano em que a ciência comemora os 200 anos do livro “A Origem das Espécies”, de Charles Darwin. Reconheço o impacto que o seu trabalho produziu na sociedade intelectualizada do mundo ocidental, embora ainda muitas religiões neguem as conclusões do cientista inglês.

Alicerçado em observações, ele concluiu que as espécies mais bem adaptadas ao meio ambiente sobrevivem, não se extinguem. A importância de citar Darwin é que a partir dos seus estudos outros cientistas foram apresentando teorias e justificativas para explicar o comportamento humano, nossa organização social, etc. O surgimento da genética trouxe uma nova perspectiva para legitimar a agressividade masculina e a passividade feminina. Dentre outros pontos, ela defende a idéia de que o objetivo das relações sexuais, entre homens e mulheres, se dá para perpetuar sua carga genética.

Contudo devo observar que a história exemplifica que nem sempre as relações sexuais objetivaram a transmissão dos genes. Elas se davam, por exemplo, entre nossos ancestrais, entre indivíduos consangüíneos e ocorriam antes de “adquirirmos consciência” e nos tornarmos “racionais”, ou mesmo antes do estabelecimento de regras morais sistematizadas. Esta observação nos faz refletir do quanto os valores morais, religiosos, sociais se atravessaram e se atravessam na construção do conceito de normalidade e na padronização de nossas experiências no campo da sexualidade.

Aprendemos com nossos antecessores que nossos comportamentos derivam, em parte, do que eles determinaram como “verdades inexoráveis”. BENTO (2008, p.14), escreveu;

[...] Vincular comportamento ao sexo, gênero à genitália, definindo o feminino pela presença da vagina e o masculino pelo pênis, remonta ao século XIX quando o sexo passou a conter a verdade última de nós mesmos (Foucault, 1985:65).
[...] A partir do século XX, precisamente a partir de 1950, se observou um saber

médico específico para esta experiência identitária que se materializou em diagnósticos diferenciados.

Nossas práticas sociais se desenvolveram sob um minucioso, freqüentemente invisível e “inconsciente”, sistema de vigilância a fim de manter as variadas relações de poder que beneficiaram alguns grupos e excluíram outros.

As ciências “psi”, que surgiram a partir dos estudos de Sigmund Freud, dentre outras, contribuíram, para a construção deste quadro que divide e legitima diferencialmente gêneros e sexualidade. A partir de um outro campo teórico, mas valendo-se também de elementos do campo psi, Pierre Bourdieu (1995, p. 149), afirmou:

O corpo masculino e o corpo feminino, e muito especialmente os órgãos sexuais que, por condensarem a diferença entre os sexos, estão predispostos a simbolizá-la, são percebidos e construídos segundo os esquemas práticos do *habitus*¹, constituindo-se assim em suportes simbólicos privilegiados daquelas significações e valores que estão de acordo com os princípios da visão falocêntrica de mundo. Não é o falo (ou sua ausência) que é o princípio gerador dessa visão de mundo, mas é essa visão do mundo, que, estando organizada (por razões sociais que seria necessário descobrir) segundo a divisão em gêneros relacionais, masculino e feminino, pode instituir o falo-constituído em símbolo da virilidade, do *nif* propriamente masculino- em princípio da diferença entre os sexos (em sentido de gênero), e basear na objetividade de uma diferença natural entre os corpos biológicos a diferença social entre duas essências hierarquizadas.

Observa-se que o autor incorpora palavras do vocabulário da psicanálise que, em meu entender, constroem um istmo entre as ciências. No transcorrer do artigo, o autor traça vários paralelos entre as áreas de conhecimento. Iniciam na Grécia, passam por sociedades que realizavam os “ritos de passagem” e culminam no século XX. Por não ser o objetivo principal do trabalho a discussão histórica da “construção social do sexo”, não entrarei em detalhes pormenorizados.

Partindo do que foi descrito anteriormente, encontraremos várias “justificativas” para que o homem seja entendido como o “sexo forte” e a mulher o “sexo frágil”. O que busco aqui é indicar alguns elementos que permitam problematizar a “natureza”, a “essência” dominante de um sexo em relação ao outro e, então, levantar subsídios para questões relativas ao gênero.

¹ Rubrica: antropologia: modo de ser de um indivíduo ligado a um grupo social, que se relaciona esp. com a aparência física (roupa, atitude etc.)

Nesta brevíssima incursão histórica, parece importante reconhecer a importância que o movimento feminista teve no campo dos movimentos de contestação pela igualdade de gênero e pelo reconhecimento pela diversidade das identidades sexuais. LOURO, (2007, p.15) escreveu:

Será no desdobramento da assim denominada “segunda onda”- aquela que se inicia no final da década de 1960- que o feminismo, além das preocupações sociais e políticas, irá se voltar para as construções propriamente teóricas. No âmbito do debate que a partir de então se trava, entre estudiosas e militantes, de um lado, e seus críticos ou suas críticas, de outro, será engendrado e problematizado o conceito de gênero. [...] 1968 deve ser compreendido, no entanto, como uma referência a um processo maior, que vinha se constituindo e que continuaria se desdobrando em movimentos específicos e em eventuais solidariedades.

A autora revela que o movimento feminista adquire maior visibilidade e adesão das mulheres no final da década de 60, mas esclarece que em períodos anteriores já havia reivindicações pela equidade de gênero. Exemplo disso foi a “primeira onda”. Ela tinha como objetivo “estender o direito do voto às mulheres” (IDEM, p.15.). Há que se entender que o movimento feminista contribuiu para que as próprias participantes vislumbrassem diferenças entre si, pois as feministas brancas, burguesas, católicas e urbanas reivindicavam por assuntos que não eram os mesmos daqueles das mulheres negras, de classe econômica menos privilegiada, não católicas e das regiões rurais, por exemplo.

A diversidade interna do movimento feminista ajuda-nos a pensar nas muitas diversidades que atravessam os vários movimentos e manifestações em relação à igualdade de gênero, dos direitos civis, direitos sexuais e reprodutivos, manifestações religiosas e uma infinita série de lutas diárias no âmbito social.

3.2 A Fronteira Entre Os Gêneros

De certo modo, vivemos em fronteiras. Entre a vida e a morte, entre o emprego e a demissão, entre o amor e o ódio, entre a solidão e o convívio, entre o som e o silêncio, etc., mas estas fronteiras, que estão normatizadas, usualmente não suscitam reação de violência ou de estranhamento. Porque, então, as fronteiras entre o feminino e o masculino incomodam, perturbam tanto? Porque os adeptos da “body modification” são observados com curiosidade e como “pessoas exóticas” e as pessoas que borram as fronteiras da sexualidade e gênero são alvo de violência, crítica e de todo o tipo de agressão?

Estamos acostumados, talvez porque a ciência no deu esta “herança”, a classificar os comportamentos, os sentimentos, os órgãos do corpo e tudo que nos rodeia. Contudo, o que é ambíguo, não é passível de classificação, pois ele não é “isso OU aquilo”, ele é “isso E aquilo”. Esta idéia de atravessamento nos desacomoda e, de certa forma, nos convida a tentar desconstruir um conceito dado como verdadeiro.

As travestis vivem a fronteira entre gênero e sexualidade inscrita nos seus corpos, nas suas atitudes, nas suas roupas, e no seu trabalho. Quando profissionais do sexo, é esta fronteira, corporificada na ambigüidade, que seus clientes buscam! Conforme relatos de muitas delas, seus clientes invertem os “papéis” de homem/ativo e mulher/passiva durante o sexo. Posso pensar que temos a necessidade de sairmos do centro, de sermos “excêntricos” para diminuirmos a tensão emocional causada pela expectativa social depositada em nosso sexo biológico.

Acostumados, desde o útero, a definirmos “homem OU mulher” as travestis nos confundem, e talvez por isso mesmo causem tanto desconforto, porque elas são “homem E mulher”. Elas, de algum modo, atravessam e borram nossos pressupostos de “normal e anormal”. Esta ambigüidade tem sido, desde o início das ciências “psi”, vista e considerada “doença”, “anormalidade” assim também definida pela igreja, regulada pela heteronormatividade, e, de certo modo, assim também compreendida pelas próprias travestis.

Quando pensamos em gênero, quase sempre nos vem à mente a mulher, o feminino. Para ampliarmos e modificarmos esta “imagem” a seguinte citação de Louro, (1995, p.103); é crucial:

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico

(portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são “generificadas”, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a idéia de formação, socialização ou educação dos sujeitos.

Gênero é uma categoria em construção permanente, sem findar durante nossa existência. A citação também nos faz refletir acerca das diferentes concepções de gênero masculino e feminino que existem nas diferentes culturas, pois as concepções de homem/mulher não são as mesmas se considerarmos a história de cada sociedade, seus valores e princípios. Se partirmos desta premissa podemos inferir que há possibilidade de modificarmos os atributos que legitimamos como masculinos e femininos e pensar na possibilidade de multiplicidade de gêneros a partir da problematização do dominante e excludente binarismo masculino/feminino.

Talvez seja uma idéia utópica, visto o quanto os conceitos estão normatizados no nosso modo de ver e de entender as diversidades. Catherine Mayer, em entrevista para monografia de Especialização em Saúde Pública (MÜLLER, 2007; p.33), disse: “Eu saio, às vezes, mais depressiva porque eu vejo o tratamento com as pessoas **normais**, mulher e homem, porque às vezes tem diferença do que com a gente! [Grifo meu].

Quando a travesti se refere às pessoas “normais” ela explicita que, mesmo vivendo outra forma de sexualidade e gênero, ela se sente “anormal” diante os demais. A forma que vivemos e experienciamos nossa sexualidade pode ser diferente do nosso sexo biológico. OLIVEIRA (1994; p. 26) descreve a expectativa da vivência de uma identidade sexual na heteronormatividade da seguinte forma:

Embora haja expectativa por parte da sociedade de que o sexo genital esteja de acordo com o comportamento que se atribui aos diferentes corpos do macho e da fêmea, as identidades sexuais alternativas se instituem enquanto desobediência erótica, divergindo dos fundamentos biológicos da distinção sexual. É a possibilidade de não coincidência entre o psiquismo e o genital que explica as diversas construções de identidades sexuais e sua inversão, como no caso das travestis.

A alteração do comportamento esperado pela sociedade talvez explique a intolerância e estigma que os “desviantes” vivenciam no seu dia-a-dia. Ao se considerarem fora da norma

estas pessoas podem, em certo sentido, não reivindicarem plenamente o seu direito de viver sua sexualidade da forma que lhes satisfaça e entender a violência como legitimada. EAGLETON apud LOURO, (1995, p.114); pode justificar a intolerância à ambigüidade:

A mulher é o oposto, o “outro”: ela é o não-homem, o homem a que falta algo, a quem é atribuído um valor sobretudo negativo em relação ao princípio primeiro masculino. [...] A mulher não é apenas um outro ser, no sentido de alguma coisa fora de seu alcance, mas um outro intimamente relacionado com ele, a imagem daquilo que ele não é e, portanto, uma lembrança essencial daquilo que ele é. Assim o homem precisa desse outro, mesmo que o despreze, e é obrigado a dar uma identidade positiva àquilo que considera como não-coisa, como nada. [...] Talvez ela represente um signo de alguma coisa no homem que ele precisa reprimir, expulsar para além de seu próprio ser, relegar a uma região seguramente estranha, fora de seus próprios limites definitivos. Talvez o que esteja fora também esteja, de alguma forma, dentro, talvez o que seja estranho seja também íntimo- de sorte que o homem precise policiar com atenção a fronteira absoluta entre as duas esferas, porque ela pode ser sempre atravessada, sempre foi atravessada e é muito menos absoluta do que parece.

O autor me conduz a refletir sobre as variadas formas de violência as quais mulheres, homossexuais, travestis e transgêneros estão sujeitos. Elas podem ser o resultado da luta interna entre a possibilidade de atravessar as fronteiras do gênero e o impiedoso “modelo” de masculinidade imposto pela categoria de normalidade aceita em nossa sociedade. Ao se deparar com o ambíguo, no caso das travestis, o homem poderia perceber a possibilidade de vivenciar, de ser, de sentir prazer nos dois gêneros em um só corpo e, resultante deste atravessamento das fronteiras, partir para a agressividade como forma de eliminar de si esta probabilidade.

É importante citar SILVA, (2007.p.09), quando o autor descreve uma situação de identidade vivida por croatas e sérvios:

Essa história mostra que a identidade é relacional, A identidade sérvia depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade (Croácia), de uma identidade que ela não é, que difere da identidade sérvia, mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista. A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um sérvio é ser um “não-croata. A identidade é, assim, marcada pela diferença.

Se utilizarmos a reflexão do autor para tentarmos entender um pouco o estigma e a violência dos grupos “minoritários” poderemos pensar que, ao investir contra o “outro”, o agressor está delimitando seu “território”, está esclarecendo de qual lugar fala e se situa na sociedade. Ele “esclarece” quais são os discursos que o atravessam e o compõem enquanto sujeito em determinada coletividade. Talvez isso explique porque quando vejo casais gays

querendo adotar filhos e almejem uma casa com quintal e bichinhos de estimação; questiono se este desejo não está associado à aproximação do modelo heteronormativo e hegemônico. Esta proximidade poderia encerrar, na maior parte das vezes, o olhar discriminatório e excludente ao qual eles estão diariamente submetidos.

Acredito que algumas travestis procurem o mesmo enquadramento como forma de libertação do estigma e segregação que vivem e experimentam no seu dia-a-dia. Por isso a possibilidade de as entendermos como outro gênero poderia minimizar os preconceitos vividos por elas e as incluiriam socialmente. Elas seriam capazes de exercer sua cidadania, ter seus direitos humanos respeitados e, talvez, elas tivessem maior inserção no mercado de trabalho.

A violência física, verbal e psicológica as quais convivem, e que muitas vezes inicia na sua família, seria, talvez, substituída por laços de afeto e compreensão. Penso que não estamos preparados para um “terceiro gênero”, mas se não discutirmos, problematizarmos e respeitarmos aqueles que têm coragem de atravessar as fronteiras, jamais teremos igualdade de gênero e equidade social.

3.3. Apresentação e Discussão dos Resultados

Após a transcrição das entrevistas e de repetidas leituras das mesmas, foram encontradas as seguintes categorias de análise: “Corpo”; “Mais do Mesmo” e “Comportamento”.

As categorias de análise serão descritas e analisadas separadamente abaixo.

3.3.1 Corpo

O corpo de uma travesti encerra fisicamente a ambigüidade dos sexos biológicos. Do ponto de vista das entrevistadas, as características físicas masculinas são percebidas como secundárias e não passam, por exemplo, quando se fala em pênis, de algo além de um “instrumento de trabalho”, uma forma de proverem o seu sustento. Algumas falas, abaixo transcritas, ilustram esta inferência:

Minhas curvas sempre foram femininas. A bunda do homem é reta, a minha sempre foi curvada, tenho aquelas covinhas em cima da bunda, igual mulher. Isso desde criança. Então eu sempre me vi com um corpo feminino e o pênis é meu instrumento de trabalho. Ele nunca me incomodou e nunca atrapalhou. (Sandra)

Eu me vejo como uma mulher, feminina, mesmo com a genitália masculina, vejo um corpo feminino, como eu assumi esta identidade. (Josi)

Quando eu me olho no espelho eu me vejo um corpo feminino. E apesar que eu nunca tomei hormônio, nem nada. Desde pequeno. Desde os meus 10 anos quando eu me olho no espelho sempre... Vi logo que eu notei a diferença que sempre todo mundo, a maioria me confundia como mulher, quando eu era mais pequeno. Entendeu? Diziam: olha as tuas duas filhas! Entendeu? Então eu sempre me considerei, assim... uma mulher. Até quando eu me olho no espelho, entendeu? É isso aí, uma mistura dos dois! (Sheila)

Duas das participantes durante as entrevistas demonstraram que há desejo em realizar a cirurgia que é conhecida como “readequação”. Reflito sobre este termo no sentido de que o procedimento médico objetiva readequar o corpo ambíguo aos padrões corporais normatizados. Os significados, conforme Houaiss, (2001), sobre as palavras “adequar” e

“readequir”, demonstram a forma pela qual a ambigüidade física e a sexualidade das travestis são entendidas pelas ciências biomédicas: “ Adequir: tornar(-se) ajustado, adaptado a; amoldar(-se); tornar(-se) conveniente ou oportuno a; pôr(-se) ou estar em harmonia; combinar. Readequir: adequir(-se) novamente”. São suas falas:

Eu vejo o meu pênis, uma coisa assim ó... até gostaria, assim... me sinto assim ó...de ter feito uma cirurgia de readequação, né, mas em questão de saúde eu não pude fazer, né, mas é aquela coisa assim ó.....é uma coisa que me incomoda! (Josi)

Pra mim também incomoda! Mas daí a gente pensa: a gente depende da rua, entendeu? Porque eu vou tirar **aquilo** se eu to ganhando dinheiro com **aquilo**! Me incomoda também! Eu não queria ter **aquilo**. Eu queria ser mulher! Mas é diferente....é que eu preciso **daquilo**! (Sheila) (grifo meu)

A referência ao pênis como “aquilo” ilustra que o órgão genital parece não fazer parte da constituição corporal das travestis e, talvez, ao atravessarem as fronteiras de gênero, elas o deixam do “lado” masculino. Sandra também comenta sobre o órgão biológico:

No meu caso eu já penso mais assim: em relação ao meu órgão genital, eu, em particular....,eu não tenho assim...Muitos me perguntam: ”Ah, tu não te operaria?” Eu não me operaria porque não....eu acho que não fica a mesma coisa! Tu não tem aquele tesão! Sei lá eu! Mas só que eu não sinto a necessidade de ter que usar meu pênis. De ter que sentir...Sei lá eu....Enfim, sentir tesão normal no pênis. A maioria dos homens que eu saio, tô transando, me tocam, me tocam e meu tesão não é aqui (no pênis). Então, para mim, **se tornou uma coisa à parte**, quando me olho nua! É à parte, entendeu? É mais, para mim, ter de usá-lo em função da função do meu problema, porque o meu trabalho é na noite, e tenho que realizar fetiches, entendeu? Mais para isso! (Sandra) *(a parte grifada objetiva representar a ênfase dada pela entrevistada, manifestada pela mudança no tom da sua voz)*

Esta categoria de análise pode nos levar a problematizar o binarismo feminino/masculino e nos fazer refletir sobre a possibilidade de uma pluralidade de gêneros.

3.3.2 Mais do Mesmo

O discurso heteronormativo nos atravessa, desde o útero. Para as entrevistadas não é diferente. Muitas vezes, durante a entrevista, foi recorrente a palavra “normal” quando elas se referiam ao seu cotidiano, suas roupas, seu comportamento e seus relacionamentos.

Para estas travestis, repetir o comportamento heteronormativo está imbricado com a sua aceitação na sociedade e o fim da discriminação. Elas acreditam que se tornando pessoas “normais”, ou seja, inscrevendo nos seus corpos a linguagem e o discurso e os discursos dominantes, a fim de terem a “postura” de uma mulher “normal”, e, principalmente dando visibilidade a essa “conduta correta”, sua sexualidade, sua ambigüidade, seu gênero não seriam vistos como desvios e elas seriam mais respeitadas.

A seguir algumas transcrições para ilustrar o que foi dito acima:

[...] Inclusive as pessoas, às vezes, me confundem com uma senhora, entendeu? Por que eu sou discreta. Por eu acho que ser uma travesti não é ser, assim, escandalosa, não é ser vulgar! E sim uma pessoa, assim ó, que tem uma boa postura perante a sociedade, apesar da discriminação, do preconceito, mas a gente tem que viver a postura da gente, perante a sociedade para dar uma visibilidade melhor em questão da discriminação! (Josi)

Uma travesti que sabe **se portar**! Uma travesti que sabe entrar numa loja, num lugar público, num lugar que está cheio de gente como aqui, e as pessoas olharem, normalmente, até para normalmente me acharem bonita, mas sem ficar te encarando, sem ter um homem, de trás assim te seguindo; Ah lá vai uma travesti!...mas que saiba se portar! (Sandra)

A gente não vai andar assim ó, por exemplo, assim ó, a gente não vai andar como, me fugiu a palavra! Andar nua, sabe? uma com uma minissaia aparecendo tudo..A gente anda normal, normalmente, uma vida normal como qualquer mulher andaria, no caso..Uma camiseta, um short um, né? Uma roupa assim decente, né? Principalmente, no lugar onde a gente mora! Porque é aquela coisa assim, eu acho que gente tem que respeitar para ser respeitado, entendeu? E as pessoas...a gente, como mora em bairro, assim, né, a gente cria aquela imagem para as pessoas e as pessoas acostumam com aquela imagem que a travesti não precisa, por ser uma travesti, ela não precisa **chocar**, entendeu? A gente anda **normal**! (Josi) (grifo meu)

[...] em termos de moradia, no bairro, lá onde a gente mora...Eu penso assim ó: se eu me dou o trabalho de todo o dia me emperiquitar para mim sair na rua, até para ir no mercado o que for, eu acho que vai se tornar até um motivo, até mais de deboche, de mais observações, de mais é...como se fala? Especulação dos meus vizinhos. Porque, uma pessoa que....toda a vizinhança te conhece, o mercado na porta da tua casa, ta, tu não vai ir suja, mas tu vai ir **normal**, entendeu? Tu ta na tua casa, entendeu? Se tu começar a te arrumar, tu já sendo uma travesti botando calças de brim grudada e blusinhas e coisa, busca uma certa vulgaridade..Porque muitas mulheres, até homens que se montam... e, anda toda bonitona, pra chamar à atenção, entendeu? Porque, geralmente, quando tu ta numa parada de ônibus e ta muito arrumada, sempre tem uma guriazinha ou outra que te olha, entendeu? Que nem eu te falei na hora que eu cheguei...Porque eu uso bolsão? Tu acha que eu saio da minha casa como...Eu saio **assim**! [faz um gesto que mostra a sua roupa. Calça jeans, blusão de lã e jaqueta]! (Sandra) (grifo meu)

Ele não quer que eu trabalhe na rua, mas daí eu pergunto pra ele, como é que eu vou viver só com o salário dele, entendeu? Eu gasto com roupa, gasta com maquiagem, gasta com um monte de coisas, com um pouquinho assim...com unha, tudo isso daí gasta. (Sheila)

Pelas transcrições pude perceber que os companheiros, que elas se referem como “marido”, gostariam que elas deixassem a prostituição e se dedicassem ou a outra atividade laboral ou, até mesmo, ficassem trabalhando em casa, numa perspectiva machista de que “lugar de mulher é dentro de casa”. Para minha surpresa, elas também almejam ter uma vida de dona de casa, de uma “mulher normal”.

Essas mulheres, que têm tamanha coragem de modificar o seu corpo, atravessar a fronteira rígida do gênero, borrar comportamentos, na sua intimidade, foram “capturadas” pelo discurso do amor romântico e buscam ou encontrá-lo, ou no caso das casadas, mantê-lo.

3.3.3 Comportamento

O comportamento que é “aprovado” e utilizado pelas entrevistas é o “normal”, o que não apresenta possibilidades de vulgaridade. Desde a forma de se vestir, andar, transitar pelos espaços públicos e pelo seu local de moradia, a palavra mais repetida e de “ordem” é a “postura”.

Elas, o tempo todo da conversa, criticaram a vulgaridade de outras travestis. O modo das outras se portarem nos espaços públicos é motivo de severas e críticas e de não aproximação, quando aquelas têm o modo “vulgar” de ser. À maneira das profissionais do sexo que executam pequenos furtos, e são duramente criticadas por este ato, é repetida em relação à chamar à atenção, se drogar, beber, etc. O discurso moral vigente foi reiterado insistentemente pelas travestis entrevistadas e está presente, inclusive, na esquina, na rua onde elas exercem seu ofício de profissionais do sexo. Vejamos alguns comentários delas:

[...] Meio que uma travesti que era operada, que era cafetina e que vivia tonteando a gente! Ela tava operada, ela se sentia mulher, mas ela não abria mão de ta na volta dos puto dando palpite de travestis, se botando em situações de travesti, entendeu? (esta “operada” continuava se prostituindo e, por este motivo, as travestis lançavam críticas severas ao seu comportamento) E aí tu fica te perguntando: pra que se operou? (Sandra)

Tem gente que anda no ônibus, pode ter lugar vago, mas preferem ir em pé que é para irem olhando o corpo. Tem gente que fica trocando olhares com homens, só para chamar à atenção. Sem necessidade! Em lugares impróprios, entendeu? Por isso que até quando a gente senta num ônibus, num banco, demora um tempinho a mais para alguém sentar do teu lado, as pessoas....Primeiro te olham para ver se tu é discreta...(Sandra)

Então eu acho que é aquela coisa assim..Eu acho que assim ó, o que acontece na rua, às vezes, é que **muitas**, né, muitas**algumas**. [risos da Sandra e da Sheila].., entre aspas, dentro da...do nosso mundo, das travestis, elas se vulgarizam demais, então o que é que acontece: elas chamam à atenção elas servem de deboche aí a questão da discriminação as pessoas apontam então essa questão assim ó é aquela coisa assim ó: uma estraga para as outras, entendeu? E não é todo mundo que anda assim! (Josi) (grifo meu)

Lá onde que eu moro....Eu me visto como uma mulher comum, assim....faço como uma dona de casa! Boto shortinho, limpo a minha casa. Boto mini-blusa todo mundo me respeita, lá onde que eu moro, entendeu? O mais importante é fazer com que o pessoal, onde que a gente mora nos respeitar do jeito que a gente é, entendeu? Ela vai lá para minha casa (Josi), ela vê, todo mundo me respeita, e olha que eu moro numa vila! Todo mundo me respeita. Eu acho que tem que se impor, entendeu? Não dou intimidade, não fico aquela coisa, assim, escandalosa, chamando à atenção, entendeu? Tem uns que vê, tem outros que nem percebem que eu sou uma travesti! É assim! Uma vida comum, entendeu, como uma mulher! Se veste como uma mulher! Faz as coisas como uma mulher, né!

Conforme os relatos acima, pode notar que elas acreditam que o comportamento “anormal” por parte de algumas companheiras de profissão é que causa, homofobia, discriminação e estigmatização. E essas atitudes fazem com que a sociedade veja todas as travestis da mesma forma. Nada diferente do que ocorre com os moradores de locais mais simples da cidade, dos moradores de rua, dos negros, das lésbicas, dos gays, etc.

Silva, (2009, p.49) descreve com primor o quanto há de repressão e de reducionismo para aquelas(es) que fogem do que está dado como norma:

Ironicamente, entretanto, no regime dominante de repressão, a identidade dominante é a norma invisível que regula todas as identidades. Homem, branco e heterossexual (ou todas essas coisas juntas): identidades que, por funcionarem como norma, não aparecem como tais. É o outro que é étnico. É o outro, como homossexual, que aparece como identidade inteira e exclusivamente definida pela sexualidade. A identidade feminina é marcada por falta em relação à do homem. A identidade subordinada é sempre um problema: um desvio da normalidade. Ela é, sempre, a identidade marcada. Como consequência, a pessoa que pertence a um grupo subordinado carrega, sempre,toda a carga e todo o peso da representação. Como identidade marcada, ela representa, sempre e inteiramente, aquela identidade.

O autor ainda escreve o quanto reduzimos a pessoa àquilo que é tido como característico da sua identidade:

Numa sociedade em que o regime dominante de representação privilegia a cor branca, a desonestidade de uma pessoa branca é apenas isso: a desonestidade de uma pessoa (“normal”). Em troca, a desonestidade de uma pessoa negra só pode representar a inclinação natural de todas as pessoas negras à desonestidade. Eis aí a ironia fundamental: no regime dominante de representação, é a identidade

Este reducionismo e esta repressão aos quais, por exemplo, as travestis estão sujeitadas produz nelas mesmas o desejo de serem “normalizadas”, para serem vistas como pessoas “normais”. Pois quando se apresentam como travestis, para a maioria das pessoas, elas são vistas como pessoas marginais, prostitutas, perigosas, etc. e são reduzidas a apenas isso. Nada mais importa. Dentro outras conseqüências, elas são impedidas de trabalharem em locais diferentes que o da prostituição e nada mais se espera delas.

4. Considerações Finais

Ao findar esse brevíssimo estudo, muitas questões ainda são recorrentes e pude perceber o quanto somos atravessados e sujeitados aos discursos que constituem a produção de corpos, e dos comportamentos heteronormativos, que chamamos de normais.

Todos que borram e atravessam as fronteiras da heterossexualidade são classificados como anormais, desviantes e excêntricos. Porém sempre pensei que estes que possuem no seu âmago esta coragem e determinação reclamavam por sua cidadania na perspectiva de serem respeitados pela sua diversidade e pluralidade. Para minha surpresa, a penetração das formas de poder e maneiras de produzir corpos dóceis, conforme o filósofo Michel Foucault descreveu em seus estudos, tatua em nossas mentes um modelo de comportamento que buscamos a fim de entrarmos na normatividade e, por este motivo, nos autoriza a sermos cidadãos de direito e termos nossa cidadania respeitada.

As travestis que participaram deste estudo possuem a mesma preocupação que a maioria das pessoas apresenta. Enquadrarem-se nas normas sociais com o objetivo de serem reconhecidas como cidadãs e terem sua cidadania reconhecida e respeitada. Elas, da mesma forma que muitos de nós, vivem auto-vigilantes e vigiam suas colegas de trabalho a maneira de um juiz que punirá aquele que fugir, através de suas atitudes, do que é tido por certo e errado.

Seus corpos, fisicamente ambíguos, são reconhecidos por elas mesmas como um físico que apresenta uma única característica de gênero, a feminina, uma vez que reconhecer e lutar pelo reconhecimento da sua ambigüidade foge do normativo e, talvez, elas mesmas não consigam visualizar uma possível pluralidade de gênero. Seus companheiros também parecem visualizar apenas um gênero em seus corpos, pois, durante nossa conversa, elas afirmaram que eles as vêem como mulheres muito femininas, aliás, mais femininas que as que possuem o sexo biológico do gênero feminino.

Discutir a norma e o reducionismo a que somos impelidos, quando nossas identidades plurais são desafiadas, principalmente no ambiente escolar é de suma importância para que haja a possibilidade de diminuição da homofobia, da violência física e psíquica. É importante compreendermos que quando alguém se identifica e se assume como negro, gay, travesti, prostituta, etc. esta pessoa não é somente esta identidade, ela, em falando de raça ou sexualidade é daquela forma, mas não apenas isso. Ela nos diz, também, que não é branca, heterossexual, etc. além de que temos que entender que possuímos outras características. E que esta pluralidade que nos constitui deveria nos manter no mesmo patamar social que os “normatizados”.

Sugiro problematizar as travestis como uma das possíveis possibilidades de gênero para que mudemos nosso pensamento engessado pelo binarismo feminino/masculino. Esse questionamento poderia nos fazer encarar a frase: “É Uma Mistura Dos Dois” da mesma forma que visualizamos quando alguém nos diz que é homem ou mulher.

Obras Consultadas

ASSOCIAÇÃO DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DO RIO GRANDE DO SUL-IGUALDADE. Disponível em: < <http://www.aigualdade.org.br/novo/default.asp>> Acesso em 11 dez. 2008.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda Feita: O Corpo e o Gênero das Travestis.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **O que é Transexualidade.** São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos: 328)

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. In: **Educação & Realidade**-. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. V. 20, nº02. P. 9-255, jul/dez. 1995.

CARRARA, Sérgio. **Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT.** Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva. 2001, versão 1º.

JUNIOR, Terto. Essencialismo e Construtivismo Social: Limites E Possibilidades Para O Estudo da Homossexualidade. In **Scientia Sexualis: Revista do Mestrado em Sexologia**, V.5. Nº 02.. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.

KNAUTH, Daniela Riva; BENEDETTI, Marcos; et al. **Política, Direitos, Violência e Homossexualidades: Relatório da Pesquisa Realizada na Parada Gay de Porto Alegre de 2005.** Porto Alegre: Mimeo, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, História e Educação: Construção e Desconstrução. In: **Educação & Realidade**-. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. V. 20, nº02. P. 9-255, jul/dez. 1995

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-estruturalista.** Rio de Janeiro: Vozes, 2007. 9ª Edição

OLIVEIRA, Neuza Maria de. **Damas de Paus: O Jogo Aberto Dos Travestis No espelho Da Mulher.** Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A Perspectiva Dos Estudos Culturais.** Rio de Janeiro: Vozes, 2007. 7ª edição.

SILVA, Tomaz Tadeu da; **O Currículo como Fetice: a poética e a política do texto curricular.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 1ª edição, 3ª reimpressão.

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth. **Pesquisa Qualitativa em Saúde: Uma Introdução ao Tema.** Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

Apêndices

Apêndice A

Instrumento de Pesquisa

Forma pela qual quer ser identificada no trabalho:

Idade:

Escolaridade:

Profissão:

Situação Conjugal:

Questões norteadoras:

Como tu te percebes ou como percebes teu corpo? Feminino, masculino, uma combinação dos dois?

Como tu vives esta mistura de características masculinas e femininas na intimidade, na tua casa?

Como tu vives esta mesma mistura no quotidiano, no dia-a-dia, fora de casa?

Apêndice B

Termo de Consentimento

Porto Alegre, de maio de 2009.

Prezada Participante,

Gostaríamos de lhe convidar para participar de uma discussão que terá como tema central a maneira em que as travestis identificam e experimentam sua condição de gênero.

Pretendemos com isso conhecer melhor como as travestis vivenciam, em diferentes espaços sociais, a combinação ou a ambigüidade de apresentar no seu corpo características femininas e masculinas.

Os dados resultantes desta conversa serão utilizados para a monografia final do curso de Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Gostaríamos de deixar claro que seu nome será mantido em sigilo e que você tem total liberdade para aceitar ou não participar desta discussão, sem que isso tenha qualquer implicação. Estamos à sua disposição para esclarecer todas as dúvidas relativas a esta pesquisa, tanto agora quanto em um momento posterior, bastando para isso contatar no seguinte telefone: 91564851 (Magnor Muller).

Agradecemos desde já sua disponibilidade,

Atenciosamente,

Pesquisador: Magnor I. Muller; e-mail: magnormuller@terra.com.br

Pesquisadora responsável: Guacira Lopes Louro.